

31 entrevistas em Agosto Alice Vieira

JOÃO CÉU E SILVA
TextoORLANDO ALMEIDA
Foto

“Era uma vez” ainda é um início nos tempos que correm para as histórias infanto-juvenis?

Ainda está actual, embora pessoalmente nunca empregue o “Era uma vez” nas minhas histórias. Mas o facto de não o utilizar não quer dizer que não goste de que continue a existir, até porque aprecio muito as histórias tradicionais – das quais sou grande leitora – que começam assim e acho que ainda resultam muito com os miúdos.

É uma deformação de quem vem do jornalismo, de privilegiar o factual em vez do imaginado?

Não, não é ser mais factual. Quando escrevo, procuro fazer diferente. Mesmo na recriação das histórias tradicionais, sem modificar a história, porque não sou adepta da teoria “vamos fazer os bons mauzinhos” ou “os maus bonzinhos”.

Como o mundo está muito politizado, as crianças têm mais apetência por essas questões. Tenta passar mensagens política nos livros?

Não tento passar mensagens partidárias, não repito *slogans* ou coisas dessas. É óbvio que, vivendo neste tempo e com estas pessoas, escrevo sobre assuntos que acontecem agora, com as pessoas desta época e com os nossos problemas. Aquilo que – sem chamar a atenção – vem naturalmente pelo meio da história são as dificuldades em que as pessoas se encontram e o que se vai lendo nos jornais. São histórias de hoje que, evidentemente, têm de ter alguma política, pois vivemos num meio politizado.

Mas evita sempre a política directa?

Esforço-me imenso, até porque detesto frases feitas. O único livro que poderá ser político escrevi-o a pedido da editora, na comemoração dos 30 anos do 25 de Abril: *25 a sete Vozes*, que contava a revolução às crianças através de sete narrativas sobre algo que se passou com cada um dos sete autores. A mim interessa-me muito mais tornar o jovem atento à sua realidade, pois choca-me muito vê-los sem se importarem com ela. Eles ouvem em casa ou na rua “isto é tudo a mesma coisa” ou “a política não serve para nada”, e estar desatento ao que se passa é muito mau.

Não há um slogan que lhe tenha ficado na cabeça?

Ficar ficam todos! Só que são muito redutores. Posso ter frases, mas não serão *slogans*.

O que é que as crianças procuram nos seus livros?

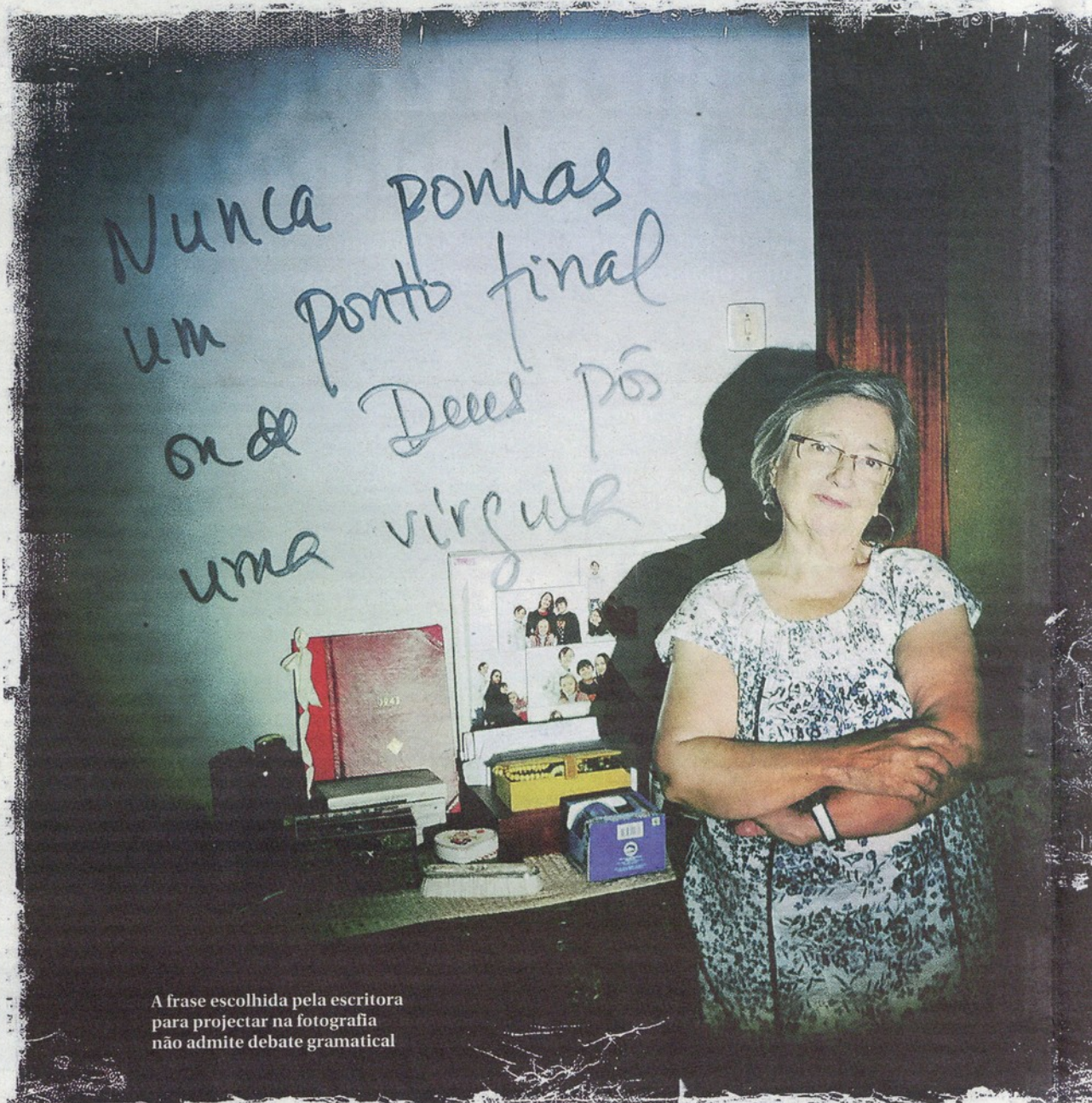
As mais pequenas, parece-me que procuram aconchego; alguém que está ao pé delas, que lhes fala e elas ouvem uma voz. Quando são pequenas, o mais importante é que nos oiçam; haver alguém que lhes conte uma história de príncipes, princesas, cães, bichos, seja o que for, e lhes dê atenção. Que não fale muito alto e dê paz neste tempo perturbado, porque andam muito desamparadas.

Em que sentido estão desamparadas?

Passam a vida inteira na escola, chegam tardíssimo a casa... Não estou a culpar os pais – é muito complicado sê-lo hoje – por não terem tempo e andarem envolvidos na azáfama do dia-a-dia. É que as crianças não têm um momento de pausa, nem de silêncio à sua volta. A televisão está sempre ligada e do que precisavam era de calma e de pessoas junto deles. O que mais me aflige é as crianças só terem à sua volta máquinas, ecrãs, computadores, telemóveis, em vez de pessoas. Falta-lhes o contacto humano, o que é muito mau.

A anterior ministra da Educação também era escritora de livros infanto-juvenis. Notou-se o peso da sua profissão no mandato?

Para mim, a anterior é sempre a Maria de Lurdes Rodrigues!... Quanto à Isabel Alcada, não faço ideia.



A frase escolhida pela escritora para projectar na fotografia não admite debate gramatical

UM DESEJO

O desejo é tão banalzinho: poder trabalhar. E há outra coisa que me aflige muito, que é poder trabalhar e manter aquilo que consigo ter hoje – não depender absolutamente de ninguém. Tenho sempre aquele medo terrível que é ficar dependente de alguém... Neste momento, isso não acontece – nisso sou uma privilegiada. Ninguém depende de mim e eu não dependo de ninguém.

A escritora e a crise Vai publicar um romance histórico para adultos, mas é conhecida pelos livros infanto-juvenis escritos ao longo de três décadas. Critica o abandono das crianças pelos pais e a falta de tempo para lerem histórias aos filhos. Evita passar mensagens políticas, mesmo que esteja preocupada com a realidade nacional. Não pretende voltar ao jornalismo, embora sinta saudades do tempo de crónicas regulares. **AMANHÃ:** Fernando Rosas

“As crianças só têm à sua volta máquinas em vez de pessoas”



QUE LIVRO GOSTAVA DE ESCREVER ?

Tantos! Gostava de ter escrito todos os do António Lobo Antunes! E gostava muito de ter escrito a *Clarissa*, do Erico Veríssimo, que é o livro da minha vida.

UMA OBSESSÃO ?

A doença incapacitante, acho que é a única que eu tenho. Neste momento, toda a gente ou quase toda a gente tem sempre alguém com Alzheimer, ou que sabe que está com Alzheimer. É uma situação que me faz uma aflição danada. Aliás, quando eu me esqueço de um nome, fiço logo doida: "É agora!" Porque, nessa situação, nós não podemos fazer nada, não controlamos nada. A falta de trabalho, isso a gente vai aguentando e andando para a frente. Com a doença que nós, realmente, não podemos fazer nada. Isso aflige-me! A morte não me aflige nada.

A VIAGEM QUE FALTA FAZER ?

Viajo muito. Quanto a um sítio com uma grande vontade de conhecer... Eu não sou daquelas pessoas que dizem "quero ir à Índia", porque sou muito europeia, ainda por cima. Mas gostava de ir à Noruega, agora sobretudo.

Não sou professora e essas coisas passam-me ao lado. No entanto, ela foi uma das mentoras do Plano Nacional de Leitura antes de ser ministra... No entanto, não penso que o facto de escrever livros tenha influenciado muito o que fez – creio que não terá sido muito – no Ministério da Educação.

A falta de leitura nos outros ministros e primeiros-ministros marca a sua acção governativa?
Acho que a falta de livros marca sempre! Uma das piores coisas que se está a fazer na Educação é exactamente o facto de retirarem do ensino livros imprescindíveis para a cultura de qualquer pessoa. Estão a tirar a literatura quase toda, ficando reduzido à gramática e às coisas frias. E, depois, dizem: "Eles não gostam." Que é uma coisa terrível, porque devemos encontrar maneiras de gostarem.

Também não gostam de muitas outras coisas!
Os miúdos também não gostam das comidas que se lhes dá! Isso quer dizer que só damos chocolate aos filhos porque não gostam do resto?! Só que eles apreciam a leitura, é preciso é saber como se lhe dá; como é que se os leva até lá. Quando vou às escolas, há professores que me dizem: "Não lhes demos esse seu livro porque é muito difícil e eles aborrecem-se." Ou seja, antes de se aborrecerem, nem lhes dão oportunidade de isso acontecer. Retirar a literatura é um crime terrível.

É como dar apenas uns capítulos do Memorial do Convento, do José Saramago, com a desculpa de que é muito denso...

Claro que é muito denso e que se maçam! Não entendo a preocupação que têm com o facto de os miúdos se maçarem; deixem-nos ver se se maçam, porque muitas vezes não acontece. Há uns tempos, irritei-me porque no Plano Nacional de Leitura está incluído um livro meu que é para o leitor jovem-adulto – em que há uma gravidez que não é desejada; um pai que abandona a filha e uma mãe que se mata – e puseram-no para os alunos do 6.º ano! Também há muito de não saber adequar os livros às idades, porque se um miúdo pega num livro que está completamente desadequado, larga-o.

Referiu uma história com problemas pessoais. Nos seus livros, há passagens autobiográficas?

No fundo, estamos sempre a escrever a nossa história. Há sempre muito de autobiográfico nos meus livros, mas em termos de pessoas que conheci, com quem vivi ou vivo ou ambientes. Em que eu participe? Penso que não. Sou uma narradora que está a olhar e que conta o que vê. Tirando um ou dois que sejam recordações de infância, como *Flor de Mel*, que é um livro dos mais antigos! Os outros são mesmo eu a olhar para as pessoas e a contar histórias que aconteceram. Não sou de inventar muita coisa, aí sou muito jornalista – os factos.

Na visita às escolas, há sempre perguntas habituais? Há sempre perguntas habituais! E o que é mais engraçado é que mesmo no estrangeiro se repetem. Às vezes, custa andar 30 anos a explicar o mesmo. Qual é a mais habitual?

É "porque é que foi para escritora?" ou "como é que se escreve um livro?". Nesta última, temos sempre hipótese de sermos diferentes. Do que gosto mais, e em certas escolas consigo-o, é de falar de um livro que a turma já tenha trabalhado – depois, seguem-se as perguntas habituais –, porque surgem temas relacionados com o que leram. Porque é que foi assim? Porque utilizou esta palavra? Tenho de pensar que ando a responder há 30 anos, mas para eles é a primeira vez.

Façamos, então, uma pergunta diferente.

"Porque é que foi para escritora?"

Eu não fui para escritora. Escrevi uma história há uns 30 anos – *Rosa, Minha Irmã Rosa* –, porque tinha dois filhos de férias. Eles andavam por ali e diziam: "Não temos nada para ler..." E eu, que não gosto de ouvir queixas, disse: "Não têm nada para ler? Então vamos os três escrever uma história!" Sentámo-nos, eles iam contando coisas que se passavam na escola, falando das tias e, eu, de outras coisas. Enquanto ia trabalhar, escreviam qual-

8 perguntas sobre a situação política

As eleições clarificaram a situação política?

Penso que não clarificaram! Sempre pensei que não serviriam para muito e não sei se estão a servir para muito.

O Governo vai cumprir o mandato até ao fim?

Espero que sim! Acho que já não aguentava outras eleições.

Qual o principal ingrediente para a receita do Governo funcionar?

Creio que vai marcar a tranquilidade. Este Governo quer ser calmo e quer ser tranquilo. Quer dar lições, não quer fazer comícios. E quer tranquilizar as pessoas, o que pode ser bom e pode ser mau. Estamos numa altura muito complicada e tudo o que seja para dizer "nós vamos conseguir" – não é o "yes you can", mas é quase – é muito importante para nos tranquilizar.

Qual pode ser a pior falha deste Governo?

Se calhar resulta daquilo que disse atrás: as pessoas ficarem tão apáticas que não reagem. Tal como os compromissos que vêm surgindo e que podem ser fatais. Eu tenho muito medo dos compromissos que é preciso fazer e da pouca reacção.

Os portugueses são co-responsáveis pela crise a que chegámos?

Somos todos. Uns mais do que outros, obviamente que o chefe da empresa é sempre mais responsável do que quem aperta os parafusos. Mas somos todos responsáveis.

Acredita no futuro desta União Europeia?

Espero que tenha futuro, senão será muito complicado. Mas duvido muito...

Teve vontade de viver noutra país nos últimos tempos?

Não senti vontade nenhuma. Posso sentir saudade do tempo em que vivi noutros sítios, mas viver noutra país foi coisa que nunca pensei. Não me vejo a viver noutra sítio a não ser em Portugal, mas ainda não percebi porque é que o meu filho, que vivia em Chicago, voltou para Portugal. Se calhar é pela mesma razão que o que eu tenho de fazer é aqui – mal ou bem. Eu nunca me veria a viver fora.

Como estará o País no regresso das férias?

Estará acordado! Até agora está ao sol, no Algarve e tranquilo. Quando voltar de férias, quando voltar ao trabalho – para quem o tem – e aos preços das coisas do dia-a-dia, irá ter uma grande surpresa. Setembro e Outubro vão ser meses em que as pessoas começam a sentir mesmo como isto está complicado.

quer coisa. À noite, emendávamos, e acabou por se tornar num livro. Ainda hoje acham que o livro deveria ter os seus nomes também, mas na altura isso não aconteceu. Foi uma história feita pelos três e 90% autobiográfica! Eles divertiram-se, levaram a história para a escola e leram-na. Depois, foi arrumada, mas muito tempo depois, em 1979, enviei-a para um concurso e, passado muito tempo, ligaram-me a dizer que tinha ganho o prémio. Como já nem me lembrava, perguntei "Qual prémio?!" Só que o prémio modificou a minha vida completamente, porque o livro foi publicado e resultou nesta loucura. Teve logo outra edição, o editor pediu novo livro e depois mais outro. E foi assim.

E passaram três décadas num instantinho...

Mas foi um instantinho mesmo! Ainda me lembro de ter uns cinco livros publicados e dizer "vou deixar isto!", porque nunca quis ser escritora.

Que foi o acaso que cortou o jornalismo pelo meio!
Não cortei completamente, porque ainda trabalho para uns sítios – desde que não me despeçam... Mas tenho muitas saudades da crónica que fazia para o *Jornal de Notícias* e até já começo a ter comichões nos dedos. Como não tenho blog!

Dos vários géneros que escreve, qual é o que prefere?

Gosto de escrever romance juvenil, em que posso escrever o livro que quiser e como quiser. Quando escrevo, não gosto de estar a pensar se o leitor entende ou não determinada palavra. As crianças dão-me o dobro do trabalho, porque os livros também têm objectivos didácticos.

E os romances para adultos?

Tenho um para entregar em Dezembro. Está prometidíssimo, mas ainda mal o comecei... Nunca me aventurei nesse campo, porque sempre achei que o que escrevia para os jovens poderia perfeitamente ser lido por adultos.

Aquela velha frase de que 70% do livro é transpiração e só 30% é que é inspiração é mesmo verdadeira?

Sim, claro que é. E como eu sou muito perfeccionista, pior ainda. Eu emendo imenso, às vezes estou a escrever durante três dias e deito tudo fora. Até já deitei livros inteiros fora porque, se vejo que podia fazer melhor, começo do princípio. É muita transpiração, muita mesmo.

Estamos numa época de fenómenos literários e géneros com sucesso. Tenta fugir à catalogação?

Sim, não faço nada porque está na moda. Este romance que estou agora a escrever é histórico, mas já andava na minha cabeça há muito tempo. Passa-se no século XVI, metade dele em Porto Santo, outra metade em Lisboa. Mas não o fiz só porque estamos numa altura em que toda a gente escreve romances históricos.

Em Portugal, há falta de grandes escritores ou é a literatura portuguesa que não está numa boa fase?

Escreve-se muito! Entra-se numa livraria – como dizia o Borges: "Tanto livro que eu nunca hei-de ler" – e fico pasmada. Acho que se publica demais; que se publica tudo. E fica difícil distinguir o livro que é bom daquele que não é. Há mesmo uma overdose de livros – o que não é muito salutar –, para além de que se editam coisas muito más, a que se dá muita visibilidade, e coisas boas, de que não se fala. Ou seja, a literatura portuguesa está a atravessar uma época em que se escreve tudo da mesma maneira.

Terá que ver com esta concentração editorial que foi acontecendo nos últimos anos?

Não sei! Estou numa coisas dessas, com quem trabalho muito bem e em que faço o que quero. Nunca ninguém me disse para escrever de outra maneira. Isso pode ser uma desculpa, acho é que estamos numa altura de autores cansados, envelhecidos e que escrevem tudo da mesma maneira – tentar ser original nem sempre resulta. Falta um grande, grande romance que obrigue as pessoas a dizer "eh, pá!". Há muito tempo que isso não acontece.